

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
VIAGEM AO FIM DO MUDO
29 de abril de 2026

L'INHUMAINE / 1924
(A Desumana)

Um filme de Marcel L'Herbier

Realização: Marcel L'Herbier / Argumento: Marcel L'Herbier e Pierre Mac Orlan / Direcção de Fotografia: George Specht / Cenários: Fernand Léger, Robert Mallet-Stevens, Claude Autant-Lara e Alberto Cavalcanti / Música: Darius Milhaud (1924) e Jean-Christophe Denoux (versão restaurada de 1986) / Interpretação: Georgette Leblanc (Claire Lescot), Jaque-Catelain (Einar Norsen), Marcelle Pradot (a inocente), Philippe Hériat (o marajá de Nopur), Leonid Walter de Malte (Vladimir Kranine), Fred Kellerman (Franck Mahler), e os Ballets Suecos.

Cópia: DCP, preto e branco (com tintagens), com intertítulos em francês e legendada eletronicamente em português / Duração: 128 minutos / Estreia em Portugal: Tivoli, a 18 de Maio de 1925.

Acompanhamento ao piano por Filipe Raposo

O principal motivo de interesse do filme de L'Herbier está na sua magnífica cenografia, a cargo de um impressionante conjunto de nomes: Fernand Léger, Robert Mallet-Stevens, Claude Autant-Lara (quando ainda era “vanguardista”...) e Alberto Cavalcanti, a que se juntam nomes como René Lalique (autor de vários objectos dispersos pela cenografia), Pierre Chareau e Michel Duffet (que desenharam o mobiliário), Raymond Templier (que desenhou as jóias), ou Paul Poiret, que se encarregou do guarda-roupa. Já chamaram ao conjunto de cenários e adereços de **L'Inhumaine** um “catálogo de Art Déco”, e a verdade é que essa terá mesmo sido uma intenção prioritária: tratava-se de mostrar, aquelas que se assumiam como as mais modernas tendências da arte francesa, em deliberada ligação com a famosíssima Exposition des Arts Décoratifs, organizada em Paris em 1925, e que fixaria uma espécie de “standard” da Art Déco.

A este respeito, o mais espectacular aparece logo ao princípio, com as sequências em casa da “grande cantora” Claire Lescot (Georgette Leblanc), dita “a desumana”. Exuberância plástica pela exuberância plástica, a grandiosidade elegante, exótica ou liminarmente “kitsch” dos cenários (os patinhos no lago artificial que circunda a “sala” de jantar...) é acompanhada pela iluminação, ela própria um elemento fundamental na construção do espaço e na percepção dos cenários, pelo guarda-roupa, pela galeria de personagens vindas de vários cantos do mundo, e, numa aproximação a um espírito onírico pré-surrealista, pelas máscaras usadas pelos criados.

É curioso que, tal como no filme de Man Ray*, a questão da modernidade arquitectónica seja relacionada com o tema da humanidade – pois não esqueçamos que é à “desumana” que pertence todo este cenário. Este é obviamente um dos pontos centrais do filme, que se diria desenvolvida de duas maneiras, ou seguindo duas linhas paralelas de interesse bastante diverso: em **L'Inhumaine** parece haver um “filme do argumento”, que é o que L'Herbier faz seguindo, narrativamente, a trajectória da protagonista até à percepção da sua própria humanidade e conseqüente negação do seu estatuto inicial; e um “filme dos cenários”, que, de algum modo resistindo à “démarche” de

L'Herbier, aponta para conclusões bastante diversas. Repare-se que, do ambiente exótico e “retro” dos cenários “art déco” do início, passamos, na sequência final, ao cenário marcadamente futurista (contribuição fundamental de Fernand Léger) do laboratório da personagem de Einar Norsen. O ritmo visual é radicalmente outro, e as suas consequências também: de um espaço “artístico” passamos a um espaço “tecnológico”, ou seja, ao espaço da *máquina* e ao espaço da *televisão* – sequência premonitória que instaura, antes do mais, a superação dos limites (e das circunstâncias) do olhar humano. É pois uma enorme ironia que seja num espaço assim, prenunciador das mais terríveis e “panópticas” visões de Fritz Lang, que Claire Lescot se dê conta da sua afinal vulnerável humanidade...

Luis Miguel Oliveira

*este texto, que adaptámos para a sessão de hoje tão bem quanto possível, foi originalmente escrito em 1999, para uma sessão que juntava **L'Inhumaine** a **Les Mystères du Château de Dés**, de Man Ray.